

Os cadernos de Antonin Artaud: escritura, desenho e teatro

André Silveira Lage

Universidade de São Paulo (USP – Pesquisador de Pós-doutorado FAPESP)

Os cadernos de Antonin Artaud, escritura, desenho, teatro

Ainda pouco conhecido no Brasil, os *Cadernos de Rodez e de Ivry*ⁱ de Antonin Artaud constituem um conjunto poético e gráfico considerável, que abalou a recepção crítica da obra de Antonin Artaud na França, provocando reações polêmicas, tanto no que diz respeito à sua natureza específica, quanto no que diz respeito à problemática editorial que os concerne. Diferentemente dos textosⁱⁱ do período pós-asilar de sua vida, esses 406 cadernos não se configuram como uma obra propriamente dita, não foram realizados em vista de uma publicação, não foram destinados ao leitor. Território desconcertante, tanto pela extensão (milhares de páginas) quanto pelo modo de escritura (fragmentos, rabiscos, anotações, textos jorrados em bloco, de um único sopro), eles colocam um problema para a crítica literária: como situá-los em relação às outras obras de Artaud? Estariam ou não « à margem » daquilo que consideramos sob a expressão « literatura »?

Sylvan Tanquerel defende, por exemplo, o estatuto « marginal » desses cadernos, considerando-os ora « como fora do campo da literatura e relevando das análises médicas », ora como uma espécie de « texto-anterior » ou canteiro das últimas obras, ora ainda como um *corpus* concernindo a produção dos anos 40 sendo frequentemente objeto de leituras gerais e temáticas.ⁱⁱⁱ Delphine Lelièvre, por sua vez, critica o próprio trabalho editorial, ao constatar a extrema disparidade entre a versão manuscrita e a versão apresentada pelas edições Gallimard. Apoiando-se em noções da crítica genética textual (« pré-redacional », « unidade de página » e « cadernos de notas »), ela critica o partido tomado pelas Edições Gallimard, que « não reproduziu a topografia do texto – página, linha, margem, interlinha – nem os croquis e os desenhos, nem mesmo a pontuação manuscrita, portanto atípica ».^{iv}

O conjunto desses 406 cadernos redigidos durante o seu internamento em Rodez e em Ivry constitui a parte mais importante do « Acervo Artaud » da *Bibliothèque Nationale de France*, em Paris. Ao consultá-los, percebi, entre outros aspectos, o impacto visual e vocal da página, a precariedade do suporte, a dimensão tátil que os regem, e, sobretudo, a importância da dimensão do arquivo (tanto do ponto de vista estético quanto político). Vê-los, pegá-los, folheá-

los e lê-los é uma experiência de forte impacto. Na França, duas edições fac-símiles desses cadernos já foram publicadas pela Gallimard: *50 dessins pour assassiner la magie* (2004)^v e o *Cahier: Ivry, janvier 1948* (2006)^{vi}. Vale lembrar também o *Artaud : Oeuvres*, Quarto Gallimard (2004), que retoma diversos textos contidos nesses cadernos, propondo ao leitor um repertório amplo e vasto.^{vii}

Todos esses cadernos constituem um território extremamente fecundo da obra de Artaud. Considero-os não como uma obra propriamente dita (no sentido de obra acabada, feita, concluída, ou « gramaticalmente bem sucedida » como diria Artaud), mas como uma espécie de *dramaturgia íntima*, um reservatório de pensamentos, uma « picto-coreografia » (DERRIDA), que se configura, pouco a pouco, de maneira instável, fragmentada, anárquica e múltipla. Eles são contemporâneos da produção dos grandes desenhos, dos retratos e dos auto-retratos e encenam alguns temas recorrentes em seus últimos escritos, a saber, a luta contra deus e o « pai-mãe », a revolta contra a « miséria do corpo humano » e a sua má constituição anatômica, a força da magia e a reivindicação revolucionária de um novo corpo humano, corpo infinitamente potencial, com poder de explodir, em luta contínua contra a arte, a organização do organismo, a representação, a língua carcaça e deus. Corpo indissociavelmente poema-desenho-teatro.

Nesse sentido, seria impossível desvincular a natureza desses cadernos das outras *poéticas* que os constituem como tal: o desenho e o teatro. É essa imbricação entre a *escritura*, o *desenho* e o *teatro* que me parece ser uma de suas características fundamentais. Ocupar o espaço da « página » desses cadernos com diferentes modos de expressão, saturá-lo de signos verbais e não-verbais, habitá-lo com desenhos informes, objetos indecifráveis, blocos, caixas, caixões, pregos, pedaços de membros, fragmentos de rostos, barras, pontos, manchas, rabiscos, anotações, reflexões, pensamentos diversos, listas de nomes, listas de quadros e de obras, relatos de sonhos, textos às vezes acabados, nascidos de um só jorro (como os textos escritos em 1947 sobre o desenho, o teatro, a anatomia humana), tudo isso é uma maneira de combinar dois gestos – *escrever e desenhar*. No entanto, é raro que os desenhos venham ilustrar, figurar o que o texto diz. Nem ornamento, nem ilustração, eles introduzem, ao contrário, uma mesma pulsação, o mesmo sopro, cuja « força de dilaceramento » seria idêntica à do seu *Teatro da Crueldade*. Tanto o traçado dos signos verbais quanto a materialidade do grafismo nos confrontam com essa « força de dilaceramento » que além de teatralizar a visualidade da página e de introduzir o princípio da *dissonância*, traduz também o que Jacques Derrida chama de « pensamento do lance », que é o « pensamento da pulsão mesma, da *força* pulsiva, da

compulsão e da expulsão. Da força antes da forma ».^{viii}

BIBLIOGRAFIA:

- ARTAUD, A. *Oeuvres complètes* (Tomos XV a XXV). Paris: Gallimard.
ARTAUD, A. *Artaud : Oeuvres*, Paris: Quarto Gallimard, 2004.
ARTAUD, A. *50 dessins pour assassiner la magie*. Paris: Gallimard, 2004.
ARTAUD, A. *Cahier: Ivry, janvier 1948*. Paris: Gallimard, 2006.
DERRIDA, J. & BERGSTEIN, L. *Enlouquecer o subjétil*, São Paulo: Imprensa Oficial, 1998.
LELIÈVRE, Delphine. « Scénographie d'un sujet : Les feuillets manuscrits des Cahiers de Rodez », in *Europe*, n. 873-874, Janvier-février 2002.
TANQUEREL, Sylvan. « Antonin Artaud et la magie scripturale des cahiers », in revue *Société – L'acte d'écrire*. n. 81. 2003.

ⁱ A partir do anos 80, esses cadernos começaram a ser publicados pelas edições Gallimard. Os *Cahiers de Rodez* (tomos XV a XXI das *Obras completas*) reúnem cronologicamente os cadernos escritos por Artaud de fevereiro de 1945 a maio de 1946, data de sua saída de Rodez. Os *Cahiers de retour à Paris* (tomos XXII à XXV) reúnem os cadernos escritos de junho de 1946 a janeiro 1947. Os cadernos redigidos a partir desta data e até a morte de Artaud, no dia 04 de março de 1948, não foram ainda publicados. Paule Thévenin foi a responsável pelo deciframento, pela transcrição, pela transmissão e edição desses cadernos

ⁱⁱ No final de sua vida, Artaud reencontra pouco a pouco a força criadora e publica diversas obras, tais como *Artaud le mômo* [Artaud o momo, 1947], *Ci-gît, précédé de la Culture Indienne* [Aqui jaz, precedido da Cultura Indígena, 1948], *Van Gogh le suicidé de la société* [Van Gogh o suicida da sociedade, 1947], *Pour en finir avec le jugement de dieu* [Para acabar com o julgamento de deus, 1948].

ⁱⁱⁱ TANQUEREL, Sylvan. « Antonin Artaud et la magie scripturale des cahiers », in revue *Société – L'acte d'écrire*. n. 81. 2003. p. 8.

^{iv} LELIÈVRE, Delphine. « Scénographie d'un sujet : Les feuillets manuscrits des Cahiers de Rodez », in *Europe*, n. 873-874, Janvier-février 2002, p. 219. A autora reitera em diversas passagens os limites da versão editada pela Gallimard, cuja diagramação contribuiu para « textualizar, isto é, apresentar sob a forma de texto, o que no estado inicial, é mais próximo de instantâneos de escritura desprovidos de toda preocupação literária ». Argumenta ainda que « textualizar » o manuscrito significa linearizar a escritura, hierarquizar a informação, organizá-la para torná-la legível.

^v Essa edição reuniu em um único livro um prefácio que introduz o leitor na trama da escritura e do desenho, as reproduções fac-símiles do manuscrito original do texto, uma retranscrição colocada em paralelo e uma compilação de reproduções fac-símiles intitulada *Dessins pris à des cahiers de notes* [Desenhos extraídos de cadernos de notas]. Os desenhos escolhidos para acompanhar esta edição de *50 desenhos para assassinar a magia* foram publicados segundo a ordem de sua aparição nos doze cadernos retidos por Artaud para este projeto.

^{vi} Essa edição reuniu a reprodução fac-símile do próprio caderno, um prefácio e uma retranscrição do texto publicada à parte.

^{vii} Como, por exemplo, os textos que foram escritos para serem proferidos na ocasião da primeira exposição de seus desenhos e retratos, na Galeria Pierre, em 1947 : *Alienar o ator* (caderno 298, maio 1947), *O Teatro e a Ciência* (caderno 329, julho 1947) e *Três textos para serem lidos na Galeria Pierre* (caderno 325, julho 1947). Como também um repertório rico de textos sobre o teatro, o desenho e o corpo, todos eles escritos durante os dois últimos anos de sua vida: *Notas para uma « Carta aos Balineses »* (caderno 246, fevereiro 1947), *O corpo humano* (caderno 295, maio 1947), *O rosto humano* (caderno 316, julho 1947), *Eu coloco a questão do desenho* (caderno 260, março 1947), *Dez anos que a linguagem partiu* (caderno 285, abril 1947), *50 desenhos para assassinar a magia* (caderno 396, janeiro 1948), entre outros.

^{viii} DERRIDA, J. & BERGSTEIN, L. *Enlouquecer o subjétil*, 1998, p. 43.